



02



06



10



# TERCEIRO MANDATO

Bem-avaliados, grupos políticos que estão no poder em Minas e no Planalto recebem voto de confiança para mais quatro anos de governo. Na Assembleia Legislativa, eleitor também opta pela continuidade e mantém PSDB, PT e PMDB como as maiores forças

Fernando Affonseca  
Jornalista da ALMG



Dilma Rousseff



Antonio Anastasia

sua preferência pela imaginária dobradinha “Dilmasia”, o eleitor mineiro repetiu o comportamento verificado em 2002 e 2006, com os votos a Lula e Aécio Neves (combinação apelidada de “Lulécio”). No primeiro turno das eleições de 2010, Dilma recebeu no Estado 47% dos votos válidos, contra 30,7% conferidos a José Serra (PSDB). No segundo turno, foram 58,45% para a petista e 41,55% para o tucano. Anastasia obteve 62,72% e nem precisou de segundo turno para confirmar sua vitória para governador. Tanto em âmbito federal quanto estadual, os mesmos grupos de poder partem em 2011 para o seu terceiro mandato consecutivo.

“O eleitor, quando avalia positivamente o governo, não gosta de arriscar”, analisa o diretor do instituto de pesquisas Sensus, Ricardo Guedes. No caso do Governo Federal, ele pontua a estabilidade da economia. “De 2002 para cá, vivemos um crescimento muito grande do Produto Interno Bruto (PIB); um aumento das reservas cambiais de US\$ 35 milhões para US\$ 250 milhões; temos o crescimento do salário mínimo de US\$ 80 para US\$ 280; 30 milhões de pessoas que migraram das classes pobres para a classe média; 10,6 milhões de pessoas que deixaram as favelas para moradias de melhor qualidade”, relata. Já em Minas Gerais, o diretor do Sensus registra que houve estabilidade administrativa após alguns governos tumultuados na

A vitória de Antonio Augusto Anastasia (PSDB), com 62,72% dos votos válidos, nas eleições de 2010 para governador de Minas, reforçou a ideia da continuidade administrativa pretendida pela população. Desejo referendado também em nível nacional, com a eleição de Dilma Rousseff (PT) para a Presidência da República. Nenhuma surpresa, portanto, para o fato de tucanos e petistas conquistarem as maiores bancadas na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, elegendo, respectivamente, 13 e 11 deputados estaduais.

Nas eleições para os cargos de presidente e governador, ao deixar clara a

década de 1990, além de uma gestão muito bem avaliada e uma série de benefícios diretos para a população, como a recuperação da malha rodoviária e a ampliação dos sistemas de telefonia e de eletrificação rural.

**Equilíbrio** – Se o prestígio e a aprovação popular de Aécio Neves colaboraram para a eleição de Anastasia com ampla vantagem, não foram suficientes para ajudar os candidatos tucanos a conquistarem vagas na Assembleia Legislativa de Minas. O PSDB perdeu duas vagas no Parlamento mineiro (de 15 para 13), enquanto o PT ganhou uma (de dez para 11). Apesar disso, o PSDB continua com a maior bancada na Casa. O terceiro maior partido na ALMG, o PMDB, manterá o número de oito deputados da legislatura anterior.

O equilíbrio na distribuição das vagas na Assembleia entre o PSDB e

o PT se mostrou também no número de votos recebidos pelos dois partidos. Os tucanos obtiveram 15,33% dos votos válidos, enquanto o PT recebeu 14,99%. Na comparação com 2006, o PSDB reduziu em cerca de 20% o número de votos recebidos, enquanto o PT cresceu na mesma proporção. Para o sociólogo e cientista político Marcos Coimbra, diretor do instituto de pesquisas Vox Populi, esse quase empate é fruto mais do desempenho das candidaturas individuais do que propriamente de apoio e influência de Lula ou Aécio Neves no Estado. O PMDB também conquistou 20% mais votos que no pleito de 2006.

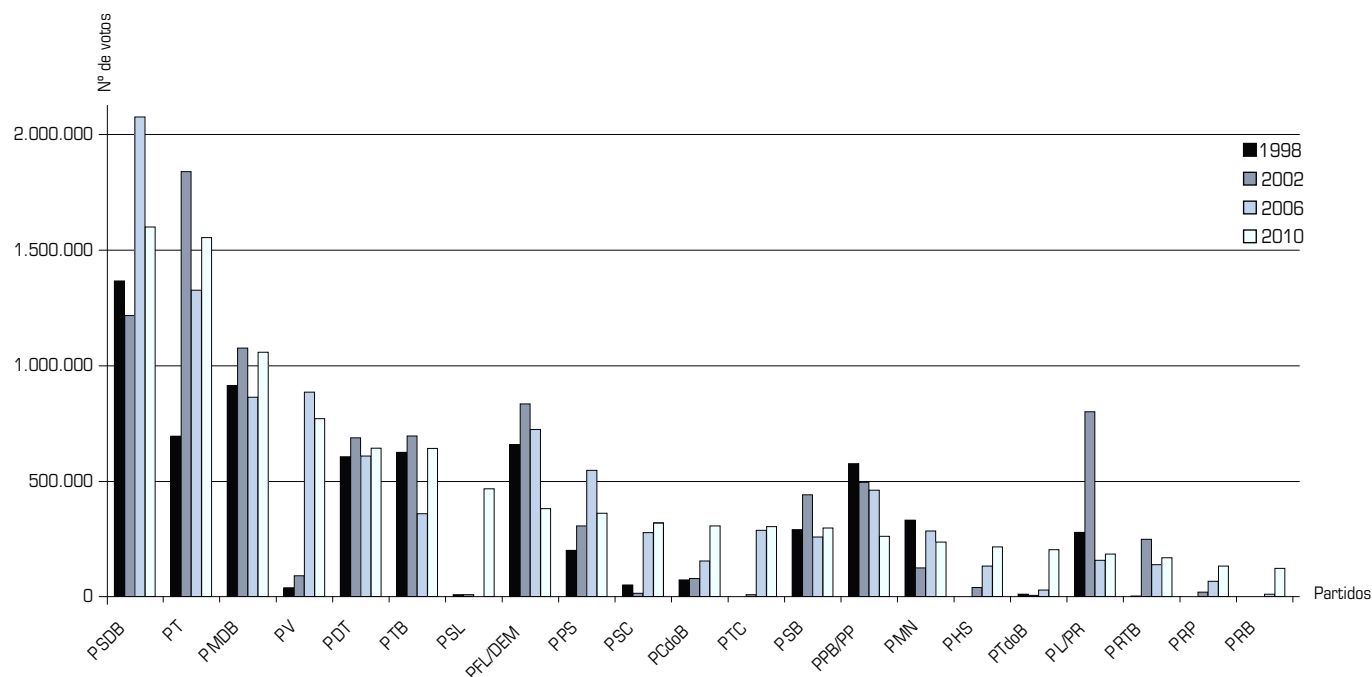
A valorização dos atributos individuais dos candidatos em detrimento de partidos, segundo o sociólogo, explica-se pela própria estatística eleitoral: “Somados, os dois grupos políticos

tiveram pouco mais de 30% dos votos para deputado estadual, o que significa que 70% dos eleitores não votaram nem no PT nem no PSDB”, analisa Coimbra. “Uma parcela muito grande do eleitorado mineiro e brasileiro compõe seu voto com relativa liberdade, identificando na oferta que o sistema político apresenta aqueles candidatos com os quais se identifica mais”, afirma.

Levantamento da Gerência-Geral de Projetos Institucionais (GPI) da ALMG mostra que, em 2010, o PSDB foi o partido mais votado nos grupos de municípios mineiros com até 50 mil eleitores. O PT venceu nos grupos de cidades com mais de 50 mil. Desde 2002, os dois partidos vêm se alternando na liderança no número de votos obtidos nos municípios entre 50 mil e 300 mil eleitores e também na Capital do Estado (veja tabelas nas páginas 25 a 31).

GRÁFICO 1

Comparativo da votação para Deputado Estadual – Eleições 1998 / 2002 / 2006 / 2010 (partidos com representação na 17ª Legislatura)



## Maioria governista preservada

Os 70% de votos dados a outras legendas talvez expliquem um fato marcante da 17ª Legislatura, que começa em 1º de fevereiro de 2011: o aumento do número de partidos representados, que subiu de 16 para 21 (veja também reportagem na página 18). Os novos partidos com cadeira na Assembleia Legislativa são o PHS, o PRTB, o PTC, o PRP e o PTdoB. Além das 32 cadeiras ocupadas pelos três maiores partidos, a composição da Assembleia para o período 2011/2015 ficou assim: o PV, apesar de ter perdido uma vaga em relação à 16ª Legislatura, vai manter a quarta maior bancada, com seis parlamentares. Em seguida, vem o PDT, que elegeu cinco deputados, também um a menos que na legislatura anterior. O DEM e o PTB, que detinham seis cadeiras na 16ª Legislatura, obtiveram quatro na 17ª. O PPS, o PSB e o PSL contam com três deputados cada um. Seis partidos elegeram dois deputados: o PMN, o PSC o PCdoB, o PRB, o PHS e o PRTB. Outras cinco legendas são representadas por

apenas um deputado na nova legislatura: PP, PR, PTC, PRP e PTdoB.

Apesar da pulverização partidária registrada na Assembleia, o cientista político e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas Carlos Alberto Vasconcelos Rocha não vê dificuldades para o governador obter o apoio da maioria dos deputados estaduais. Em sua opinião, a dificuldade teórica de governar do Executivo, em razão da existência de um Legislativo mais fragmentado, de fato não ocorre. “Com base na história dos últimos governos, a despeito de termos mais ou menos partidos, a maioria governista é sempre muito tranquila”, analisa. Para Marcos Coimbra, será necessária apenas, por parte do governador, uma “engenharia de convivência cotidiana mais elaborada”.

“Como questão estrutural, a ausência de base de apoio político é algo que não está vislumbrado no horizonte”, diz Rocha.

Se a maioria governista na Assembleia não deve ser problema, o mesmo não se pode dizer da rivalidade entre situação e oposição. Marcos Coimbra vê a possibilidade de que os ânimos mantenham, por algum tempo, o acirramento demonstrado principalmente durante a campanha para o segundo turno das eleições presidenciais. Tomando como base as declarações das principais lideranças de oposição ao governo Dilma logo após as eleições, Coimbra considera provável que partidos como o PSDB, o DEM e o PPS atuem de forma mais combativa no plano federal, o que pode refletir no comportamento do PT e do PCdoB em relação ao Governo Estadual. “Será uma espécie de reciprocidade. A eleição dei-



Guilherme Bergamini - 14/7/10

QUADRO 1

Quadro partidário  
Assembleia Legislativa de Minas Gerais

PARTIDO	14ª LEGISLATURA (1999-2003)		15ª LEGISLATURA (2003-2007)		16ª LEGISLATURA (2007-2011)		17ª LEGISLATURA (2011-2015)
	ELEIÇÕES 1998	SITUAÇÃO EM OUTUBRO DE 2002	ELEIÇÕES 2002	SITUAÇÃO EM OUTUBRO DE 2006	ELEIÇÕES 2006	SITUAÇÃO EM OUTUBRO DE 2010	ELEIÇÕES 2010
PSDB	15	9	11	18	16	15	13
PT	5	6	15	16	9	10	11
PMDB	9	13	9	9	9	8	8
PV			1		7	7	6
PDT	8	6	5	6	5	6	5
PTB	6	9	6	2	3	6	4
PFL / DEM <sup>1</sup>	7	7	5	8	7	6	4
PSL						1	3
PSB	5	5	3		1	2	3
PPS	2	3	2	5	4	4	3
PSN / PHS <sup>2</sup>	1			1	1		2
PSC	1			3	3	3	2
PRTB			2		1		2
PRB						1	2
PMN	3	1			2	2	2
PCdoB			1	1	1	1	2
PTC					3		1
PTdoB							1
PRP							1
PPB / PP <sup>3</sup>	7	6	6	6	4	4	1
PL / PR <sup>4</sup>	3	10	7	2	1	1	1
PST <sup>5</sup>	1		2				
PSD <sup>6</sup>	4	2	2				
TOTAL	77	77	77	77	77	77	77

(1) mudou de PFL para DEM / (2) mudou de PSN para PHS / (3) mudou de PPB para PP / (4) mudou de PL para PR / (5) incorporado ao PL para as eleições 2006 / (6) incorporado ao PTB para as eleições de 2006

xou feridas que talvez não cicatrizem tão rapidamente”, diz Coimbra, ressaltando que em Minas esse acirramento pode ser menos acentuado em razão das características e da cultura da política mineira, tradicionalmente marcada pelo respeito e pela convivência mais civilizada do que em outros Estados.

**Renovação em queda** – Apesar da presença de mais partidos representados na Casa, as estatísticas mostram que a cada eleição cai o índice de renovação parlamentar no Estado. Em 2002, dos 77 deputados, 36 eram novatos, resultando numa taxa de 46,75%. O índice caiu para 40,25% nas eleições de 2006, quando

foram eleitos 31 novos deputados. Já em 2010, o número de novos parlamentares é de 28, o que dá um índice de renovação de 36,36%, um dos menores entre as assembleias legislativas do País. Apenas seis parlamentos registraram taxas menores. O Estado de Rondônia teve a maior renovação, com 66,6%, seguido pelo Distrito Federal e Acre, com 54,1%. Os Estados que menos renovaram suas cadeiras foram Mato Grosso do Sul e Tocantins, com 29,1% cada um.

Na opinião do professor Carlos Ranulfo, do Departamento de Ciência Política da UFMG, a diminuição no índice de renovação do Parlamento é uma boa



Ricardo Guedes

notícia. Segundo ele, o mesmo aconteceu na Câmara dos Deputados, o que reflete o fortalecimento do Poder Legislativo. “Se o deputado é reeleito, você pode imaginar que ele tenha a aprovação de seu eleitorado”, analisa Ranulfo. Além disso, ele lembra que o candidato que já exerce o mandato na Assembleia conta com recursos e visibilidade que o diferenciam dos demais concorrentes.

O vice-governador Alberto Pinto Coelho, ex-presidente da Assembleia Legislativa de Minas, tem a mesma opinião: “As cidades, as regiões, reconhecem seus representantes, acompanham mais de perto seu trabalho e fazem uma avaliação positiva da atuação dos parlamentares. Porque o parlamentar encarna, para seus eleitores, não só a figura do legislador, mas também tem uma missão que muitas vezes não é vista, não é sentida, que é a representação política”, resume Pinto Coelho.

Ricardo Guedes, do Sensus, revela que o instituto detectou que cerca de dois terços do eleitorado dizem que gostariam de mudanças na composição do Legislativo. Se isso ocorresse de fato, a renovação deveria ser de 66%; não ocorre, segundo ele, porque o custo das campanhas é alto, e o eleitor acaba

escolhendo entre as alternativas que estão posicionadas, sendo a maioria por referência. “Cerca de 25% do eleitorado já têm um candidato, espontaneamente. O resto não tem e segue a referência desses 25%”, analisa Guedes.

Das 28 vagas ocupadas em Minas por novatos, antes mesmo da eleição já se sabia que 12 seriam preenchidas por outros deputados. Isso porque, dos 77 parlamentares mineiros, oito concorreram para deputado federal, dois compuseram chapas como suplentes de senador, um candidatou-se a vice-governador e outro desistiu de participar do pleito. Se forem levados em conta apenas os 65 deputados estaduais que concorreram a mais um mandato, 49 saíram vitoriosos, o que significa um índice de reeleição de 75,38%. Dos oito que concorreram a deputado federal, sete venceram. Os candidatos a suplente de senador e a vice-governador também tiveram os titulares das cadeiras eleitos.

Entre os 28 novos parlamentares estaduais, dois já exerceram mandatos em legislaturas anteriores: Bonifácio Mourão (PSDB) e Rogério Correia (PT). A maioria dos demais traz a experiência dos legislativos municipais. Esse grupo é formado por 16 ex-vereadores: além

	<b>QUADRO 2</b>	
--	-----------------	--

MINAS GERAIS – ELEIÇÕES 2010  
Análise do efeito das coligações no  
quadro partidário da ALMG

PARTIDOS	Nº DEPUTADOS		
	Com coligações (A)*	Sem coligações (B)**	Diferença de bancada (A-B)**
PSDB	13	13	0
PT	11	13	2
PMDB	8	8	0
PV	6	6	0
PDT	5	5	0
DEM	4	3	1
PTB	4	5	1
PPS	3	3	0
PSB	3	2	1
PSL	3	3	0
PC do B	2	2	0
PHS	2	1	1
PMN	2	2	0
PRB	2	1	1
PRTB	2	1	1
PSC	2	2	0
PP	1	2	1
PR	1	1	0
PRP	1	1	0
PT do B	1	1	0
PTC	1	2	1
PCB	0	0	0
PCO	0	0	0
PSDC	0	0	0
PSOL	0	0	0
PSTU	0	0	0
PTN	0	0	0

\* resultado oficial na forma das Eleições 2010

\*\* situação hipotética, sem validade oficial

do próprio Rogério Correia, Anselmo José Gomes Domingos (PTC), Bosco (PTdoB), Bruno Siqueira (PMDB), Carlos Henrique (PRB), Duílio de Castro (PMN), Elismar Prado (PT), Fabiano Tolentino (PRTB), Fred Costa (PHS), João Vítor Xavier da Itatiaia (PRP), Lerin (PSB), Liza Prado (PSB), Luzia Ferreira (PPS), Paulo Lamac (PT), Rômulo Viegas (PSDB) e Ulysses Gomes (PT). Três dos novos

deputados também já foram prefeitos: Bonifácio Mourão, Rômulo Viegas e Pompílio de Lourdes Canavez (PT). Completam a lista de novos parlamentares Cássio Soares (PRTB), Celinho do Sintrocel (PCdoB), Dr. Wilson Batista (PSL), Fábio Cherem (PSL), Gustavo Perrella (PDT), Hélio Gomes (PSL), Luiz Henrique (PSDB), Marques (PTB), Neilando Pimenta (PHS) e Tadeuzinho (PMDB).



QUADRO 3

MINAS GERAIS – ELEIÇÕES 2010

Os dez deputados estaduais eleitos mais votados em cada região de planejamento, considerando o nome de urna

NOME	PARTIDO	Nº VOTOS	NOME	PARTIDO	Nº VOTOS
Alto Paranaíba			Central		
Dr. Hely	PV	75.421	Marques	PTB	126.614
Bosco	PTdoB	29.180	Dinis Pinheiro	PSDB	111.309
Deiró Marra	PR	23.115	Antônio Genaro	PSC	73.867
Luiz Humberto Carneiro	PSDB	15.143	Doutor Viana	DEM	68.983
Elismar Prado	PT	10.989	João Leite	PSDB	64.312
Tenente Lúcio	PDT	6.193	Pastor Vanderlei Miranda	PMDB	56.492
Adelmo Leão	PT	3.862	João Vitor Xavier da Itatiaia	PRP	54.915
Gustavo Correa	DEM	3.754	Wander Borges	PSB	53.296
Zé Maia	PSDB	3.322	Mauri Torres	PSDB	53.251
Anselmo José Domingos	PTC	3.176	Célio Moreira	PSDB	53.121
Centro-Oeste de Minas			Jequitinhonha / Mucuri		
Tiago Ulisses	PV	34.726	Neilando Pimenta	PHS	40.850
Neider Moreira	PPS	32.149	Gustavo Corrêa	DEM	22.035
Duarte Bechir	PMN	30.245	Dinis Pinheiro	PSDB	21.840
Fabiano Tolentino	PRTB	28.369	Luiz Henrique	PSDB	20.036
Inácio Franco	PV	19.627	Mauri Torres	PSDB	15.355
Gustavo Perrella	PDT	13.930	Jayro Lessa	DEM	8.958
Dilzon Melo	PTB	12.948	Délio Malheiros	PV	8.309
Antônio Julio	PMDB	12.601	Hélio Gomes	PSL	7.739
Gustavo Valadares	DEM	8.428	André Quintão	PT	7.275
Marques	PTB	7.924	Adalclever Lopes	PMDB	7.158
Mata			Noroeste de Minas		
Braulio Braz	PTB	86.051	Almir Paraca	PT	32.935
Dr. Wilson Batista	PSL	67.204	Dr. Hely	PV	8.237
Bruno Siqueira	PMDB	64.649	Gustavo Corrêa	DEM	6.794
Lafayette Andrada	PSDB	39.502	Inácio Franco	PV	6.628
Zé Henrique	PMDB	29.345	Gustavo Perrella	PDT	3.646
Mauri Torres	PSDB	27.250	Deiró Marra	PR	3.212
Sebastião Costa	PPS	21.764	Sergento Rodrigues	PDT	2.922
Durval Ângelo	PT	21.755	Luiz Humberto Carneiro	PSDB	2.809
Tiago Ulisses	PV	14.459	Paulo Guedes	PT	2.176
Gustavo Corrêa	DEM	11.341	Mauri Torres	PSDB	1.858
Norte de Minas			Rio Doce		
Arlen Santiago	PTB	100.678	Rosângela Reis	PV	65.295
Gil Pereira	PP	90.877	Zé Henrique	PMDB	56.774
Paulo Guedes	PT	86.234	Mourão	PSDB	51.918
Tadeuzinho	PMDB	47.166	Celinho do Sinttrocel	PC do B	31.514
Carlos Pimenta	PDT	42.186	Hélio Gomes	PSL	31.096
Luiz Henrique	PSDB	39.298	Leonardo Moreira	PSDB	19.966
Rogério Correia	PT	6.300	Gustavo Valadares	DEM	19.822
Marques	PTB	5.496	Durval Ângelo	PT	19.225
Deiró Marra	PR	4.437	Jayro Lessa	DEM	18.669
Sergento Rodrigues	PDT	3.777	Gustavo Corrêa	DEM	17.890
Sul de Minas			Triângulo		
Dalmo Ribeiro	PSDB	86.887	Elismar Prado	PT	73.182
Carlos Mosconi	PSDB	77.781	Luiz Humberto Carneiro	PSDB	69.583
Antônio Carlos Arantes	PSC	65.305	Zé Maia	PSDB	63.212
Dilzon Melo	PTB	56.787	Tenente Lúcio	PDT	40.480
Pompilio Canavez	PT	46.285	Lerin	PSB	36.472
Ulysses Gomes	PT	40.802	Liza Prado	PSB	36.003
Tiago Ulisses	PV	37.798	Adelmo Leão	PT	17.393
Agostinho Patrus Filho	PV	37.100	Sergento Rodrigues	PDT	6.642
Cássio Soares	PRTB	31.212	Pastor Carlos Henrique	PRB	4.973
Fábio Cherem	PSL	30.516	Délio Malheiros	PV	1.227

## Abstenções superam votação de Marina

Com relação a 2006, o eleitorado mineiro cresceu 6,1%, passando de 13.679.738 para 14.513.934, segundo dados divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). No entanto, a abstenção subiu de 17,89% em 2006 para 18,43% em 2010, o que significa que 2.675.492 eleitores deixaram de comparecer às urnas. Para se ter uma ideia da dimensão dessa lacuna, basta observar que o número de abstenções em Minas foi maior que a votação obtida no Estado pela terceira colocada na corrida presidencial, Marina Silva (PV), que contabilizou 2.291.502 votos. O índice de não comparecimento às urnas dos mineiros foi muito próximo dos 18,12% registrados em nível nacional, cujo número absoluto, 24,6 milhões, foi também superior à votação da candida-

ta do PV. No segundo turno da eleição presidencial, a taxa de abstenção foi ainda maior: 20,98% em Minas, próximo dos 21,5% registrados nacionalmente.

Esses números, na opinião de Marcos Coimbra, mostram por que é tão verdadeiro dizer que Minas é uma representação da média brasileira. “Tivemos Estados em que a abstenção chegou aos 30 pontos no segundo turno e Estados em que ela esteve próxima dos 10%”, compara. De fato, até mesmo na apuração dos votos para presidente, ficou constatado que geograficamente Minas espelhou o que ocorreu no Brasil, com as regiões mais ao Sul registrando a maioria dos votos em favor do candidato do PSDB e as do Norte e Nordeste dando a vitória a Dilma Rousseff.

O professor Carlos Ranulfo, da UFMG, considera pequeno o aumento na abstenção, que pode significar simplesmente a falta de um recadastramento eleitoral: “O TSE não atualiza o cadastro de eleitores, as pessoas envelhecem, deixam de ser obrigadas a votar, morrem e, além disso, hoje há mais gente viajando”. Essa situação seria grave se subisse para mais de 30%, avalia o professor. Para Carlos Alberto Vasconcelos Rocha, da PUC Minas, o crescimento da abstenção pode significar o desinteresse pela política ou uma forma de protesto. Mas, assim como o colega da UFMG, ele não vê motivos para preocupação. “Comparativamente com outras democracias do mundo, os índices de abstenção eleitoral brasileiros não são discrepantes”, diz.

Ricardo Barbosa



Marcos Coimbra

Marcos Coimbra acrescenta que o Brasil padece ainda de uma deficiência no registro eleitoral. Em algumas regiões do País, a baixa notificação de óbitos faz com que se tenha um número irreal de eleitores. “A desatualização do cadastro resulta numa abstenção ilusória, maior que a real”, afirma ele, lamentando que esse problema atinja diretamente o trabalho dos institutos de pesquisa, que precisam inserir em seus resultados cálculos compensatórios para dar uma visão mais aproximada da realidade eleitoral.

Por macrorregião, o Vale do Jequitinhonha/Mucuri registrou a maior abstenção do Estado, com nada menos que 30,49% de eleitores que deixaram de comparecer às urnas, ou seja, 228.868 pessoas. O menor índice de abstenção foi verificado na região Central, com 15,6%. Esse percentual, no entanto, significa em termos numéricos 792.942 eleitores (veja Tabela 2, na página 15). Três municípios apresentaram índices de abstenção maiores que 40%, todos eles localizados no Jequitinhonha/Mucuri: Minas Novas (41,6%), Jenipapo de Minas (41,36%) e Francisco Badaró (40,32%).

Na outra extremidade, Pará de Minas, na região Central, registrou o menor índice, com 6,66%.

**Branco e nulos** – É interessante também considerar o aumento no percentual de votos brancos e nulos nas últimas eleições em Minas, em relação aos pleitos anteriores para o cargo de governador. O índice chegou a 15,48% em 2010, totalizando 1.832.415. Em 2006, o percentual foi de 14,52% e, em 2002, 12,89%. Marcos Coimbra acredita que o aumento para 15,48% tenha a ver com a insatisfação de

TABELA 1

MINAS GERAIS – ELEIÇÕES 2006/2010  
Distribuição do eleitorado  
(por região de planejamento)

Região de planejamento	Número de municípios	Eleitorado 2006	Eleitorado 2010	Variação 2010/2006
Alto Paranaíba	31	461.352	488.287	5,84%
Central	158	4.758.640	5.083.756	6,83%
Centro-Oeste de Minas	56	778.207	837.517	7,62%
Jequitinhonha/Mucuri	66	731.363	750.673	2,64%
Mata	142	1.588.099	1.656.016	4,28%
Noroeste de Minas	19	253.654	269.835	6,38%
Norte de Minas	89	1.103.091	1.177.552	6,75%
Rio Doce	102	1.171.473	1.215.375	3,75%
Sul de Minas	155	1.842.930	1.960.096	6,36%
Triângulo	35	990.929	1.074.827	8,47%
TOTAL	853	13.679.738	14.513.934	6,10%

simpatizantes do PT com a estratégia eleitoral adotada pelo partido. Para garantir o apoio do PMDB nas eleições presidenciais, o PT abriu mão da cabeça de chapa em Minas, no pleito para governador, em favor do ex-senador Hélio Costa (PMDB). “É possível que uma parcela não pequena de simpatizantes do PT tenha preferido deixar em branco ou anular seu voto a referendar uma coligação que muita gente não assimilou bem”, afirma Coimbra.

Para deputado estadual, houve 1.478.511 votos brancos ou nulos, al-

cançando a taxa de 12,49% em 2010. Em 2006, esse índice foi um pouco maior, 12,67%, mais de três pontos percentuais acima dos 9,03% registrados em 2002. Somados os votos brancos e nulos com as abstenções, percebe-se que mais de 30% dos eleitores deixaram de escolher diretamente um candidato. Na opinião de Carlos Ranulfo, isso não serve de justificativa para o fim do voto obrigatório. Ele defende que é preciso incorporar as pessoas ao processo político no Brasil, e não o contrário. Por isso, acha

importante que as pessoas encarem o voto como um dever.

Carlos Alberto Vasconcelos Rocha concorda. Ele duvida que o voto facultativo favoreça o voto mais consciente. “Do mesmo jeito que se mobiliza pessoas que não têm muita consciência em quem votar num contexto obrigatório, pode-se mobilizar também num contexto de voto facultativo”, explica. No caso brasileiro, cuja democracia é ainda recente, Rocha considera importante o voto obrigatório para que a eleição ganhe cada vez mais legitimidade.

TABELA 2

MINAS GERAIS – ELEIÇÕES 2010  
Quadro geral  
(por região de planejamento)

Região de Planejamento	Eleitorado	%	Abstenção	%	Votantes	%
Alto Paranaíba	488.287	3,36	89.429	18,31	398.858	81,69
Central	5.083.756	35,03	792.942	15,60	4.290.814	84,40
Centro-Oeste de Minas	837.517	5,77	132.349	15,80	705.168	84,20
Jequitinhonha/Mucuri	750.673	5,17	228.868	30,49	521.805	69,51
Mata	1.656.016	11,41	292.322	17,65	1.363.694	82,35
Noroeste de Minas	269.835	1,86	57.093	21,16	212.742	78,84
Norte de Minas	1.177.552	8,11	290.232	24,65	887.320	75,35
Rio Doce	1.215.375	8,37	264.789	21,79	950.586	78,21
Sul de Minas	1.960.096	13,50	341.648	17,43	1.618.448	82,57
Triângulo	1.074.827	7,41	185.820	17,29	889.007	82,71
TOTAL	14.513.934	100	2.675.492	18,43	11.838.442	81,57

TABELA 2 (CONTINUAÇÃO)

MINAS GERAIS – ELEIÇÕES 2010  
Quadro geral  
(por região de planejamento)

Região de Planejamento	Branços	%	Nulos	%	Válidos	%
Alto Paranaíba	23.388	5,86	30.319	7,60	345.151	86,53
Central	364.751	8,50	301.630	7,03	3.624.433	84,47
Centro-Oeste de Minas	57.040	8,09	30.309	4,30	617.819	87,61
Jequitinhonha/Mucuri	18.257	3,50	15.817	3,03	487.731	93,47
Mata	90.098	6,61	84.487	6,20	1.189.109	87,20
Noroeste de Minas	10.035	4,72	6.933	3,26	195.774	92,02
Norte de Minas	32.681	3,68	44.340	5,00	810.299	91,32
Rio Doce	48.293	5,08	30.533	3,21	871.760	91,71
Sul de Minas	109.299	6,75	59.648	3,69	1.449.501	89,56
Triângulo	52.837	5,94	67.816	7,63	768.354	86,43
TOTAL	806.679	6,81	671.832	5,68	10.359.931	87,51

TABELA 3

MINAS GERAIS – ELEIÇÕES 2002/2006/2010  
Deputado Estadual – Distribuição dos votos válidos  
(por região de planejamento)

Região de planejamento	2002							
	Votos válidos				Votos em candidatos que foram eleitos		Votos em candidatos que não foram eleitos	
	Votos nominais		Votos legenda					
Alto Paranaíba	281.988	86,80%	42.890	13,20%	68.609	24,33%	213.379	75,67%
Central	2.890.499	84,85%	515.990	15,15%	1.458.655	50,46%	1.431.844	49,54%
Centro-Oeste de Minas	481.090	86,04%	78.049	13,96%	256.049	53,22%	225.041	46,78%
Jequitinhonha / Mucuri	339.425	78,48%	93.053	21,52%	152.563	44,95%	186.862	55,05%
Mata	961.711	84,23%	180.026	15,77%	491.860	51,14%	469.851	48,86%
Noroeste de Minas	146.662	85,17%	25.546	14,83%	56.442	38,48%	90.220	61,52%
Norte de Minas	582.141	82,94%	119.705	17,06%	348.739	59,91%	233.402	40,09%
Rio Doce	674.383	84,08%	127.706	15,92%	381.313	56,54%	293.070	43,46%
Sul de Minas	1.102.370	84,65%	199.843	15,35%	569.499	51,66%	532.871	48,34%
Triângulo	637.182	88,40%	83.652	11,60%	371.051	58,23%	266.131	41,77%
Total	8.097.451	84,67%	1.466.460	15,33%	4.154.780	51,31%	3.942.671	48,69%

TABELA 3 (CONTINUAÇÃO)

MINAS GERAIS – ELEIÇÕES 2002/2006/2010  
Deputado Estadual – Distribuição dos votos válidos  
(por região de planejamento)

2006								
Região de planejamento	Votos válidos				Votos em candidatos que foram eleitos		Votos em candidatos que não foram eleitos	
	Votos nominais		Votos legenda					
Alto Paranaíba	309.657	90,41%	32.850	9,59%	151.952	49,07%	157.705	50,93%
Central	2.960.821	87,27%	431.912	12,73%	1.577.318	53,27%	1.383.503	46,73%
Centro-Oeste de Minas	511.467	88,97%	63.383	11,03%	332.580	65,02%	178.887	34,98%
Jequitinhonha / Mucuri	392.404	82,69%	82.147	17,31%	266.275	67,86%	126.129	32,14%
Mata	1.003.462	86,82%	152.345	13,18%	583.102	58,11%	420.360	41,89%
Noroeste de Minas	165.284	88,63%	21.205	11,37%	102.912	62,26%	62.372	37,74%
Norte de Minas	674.362	87,14%	99.558	12,86%	572.418	84,88%	101.944	15,12%
Rio Doce	722.014	86,55%	112.204	13,45%	433.504	60,04%	288.510	39,96%
Sul de Minas	1.181.400	88,03%	160.598	11,97%	565.104	47,83%	616.296	52,17%
Triângulo	657.845	89,88%	74.059	10,12%	296.898	45,13%	360.947	54,87%
Total	8.578.716	87,46%	1.230.261	12,54%	4.882.063	56,91%	3.696.653	43,09%

2010								
Região de planejamento	Votos válidos				Votos em candidatos que foram eleitos		Votos em candidatos que não foram eleitos	
	Votos nominais		Votos legenda					
Alto Paranaíba	310.958	90,09%	34.193	9,91%	198.534	63,85%	112.424	36,15%
Central	3.175.830	87,62%	448.603	12,38%	1.709.807	53,84%	1.466.023	46,16%
Centro-Oeste de Minas	556.695	90,11%	61.124	9,89%	293.975	52,81%	262.720	47,19%
Jequitinhonha / Mucuri	418.286	85,76%	69.445	14,24%	251.934	60,23%	166.352	39,77%
Mata	1.041.910	87,62%	147.199	12,38%	522.641	50,16%	519.269	49,84%
Noroeste de Minas	175.921	89,86%	19.853	10,14%	81.215	46,17%	94.706	53,83%
Norte de Minas	721.528	89,04%	88.771	10,96%	470.011	65,14%	251.517	34,86%
Rio Doce	770.208	88,35%	101.552	11,65%	480.969	62,45%	289.239	37,55%
Sul de Minas	1.301.902	89,82%	147.599	10,18%	689.573	52,97%	612.329	47,03%
Triângulo	689.897	89,79%	78.457	10,21%	360.664	52,28%	329.233	47,72%
Total	9.163.135	88,45%	1.196.796	11,55%	5.059.323	55,21%	4.103.812	44,79%